
NADA DE NOVO NO FRONT: REFLEXÕES DA GRANDE GUERRA

Larissa Guevara ¹

Volker Jaeckel ²

Resumo: A presente pesquisa tem o objetivo de sustentar certas reflexões sobre a experiência humana em meio aos combates da Primeira Guerra Mundial e a importância que a literatura detém para a construção e preservação da memória desse conflito. Neste artigo, o livro que norteará os apontamentos é o romance “Nada de novo no front” (Im Westen nichts Neues) de Erich Maria Remarque, veterano de guerra alemão que se destaca ao construir em sua obra personagens e batalhas que simbolizam a lógica desumana da guerra, o enfrentamento entre as nações e como o indivíduo reagiu perante os custos do primeiro grande conflito do século XX, e o livro documental “Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial” de Max Arthur que em parceria com o Museu Imperial de Guerra apresenta relatos reais de soldados e civis que vivenciaram esse contexto.

Palavras-chave: Remarque; Nada de Novo no Front; Reflexão Histórica.

Abstract: This research aims to support certain reflections on the human experience in the midst of World War I and the importance that literature has for the construction and preservation of the memory of this conflict. In this article the book that will guide the remarks is the novel “All Quiet on the Western Front” (Im Westen nichts Neues) by Erich Maria Remarque, a German war veteran who excels in building in his work characters that symbolize the inhuman logic of war, the confrontation between nations and how the individual reacted to the costs of the first great conflict of the 20th Century, as well as Max Arthur’s book “Forgotten Voices of the Great War” which in partnership with the Imperial War Museum presents real reports of soldiers and civilians who experienced this context.

Keywords: Remarque; All Quiet on the Western Front; Historical Reflection.

1 Graduanda em Estudos Literários na UFMG.

2 Professor da Faculdade de Letras da UFMG.

“Este é, portanto, um retrato da tragédia da Europa, e Deus sabe que essa tragédia foi suficientemente ampla e terrível.” (HASTINGS, 2014, p.22).

“Tombou morto em outubro de 1918, num dia tão tranquilo em toda a linha de frente, que o comunicado limitou-se a uma frase: “Nada de novo no front.” (REMARQUE 2018, p.199)

“Minha intenção foi tentar pintar, por meio das palavras de homens e mulheres, um quadro legítimo da vida na Primeira Guerra Mundial [...]” (ARTHUR, 2011, p.10)

Em 1928, Erich Maria Remarque publicou, em forma de folhetins no Jornal “Vossiche Zeitung”, a obra “*Nada de novo no front*”, que o alavancaria à fama mundial como escritor. Considerado pelos críticos literários posteriores um romance antibélico e pacifista, a obra gerou grande impacto intelectual quando publicada e auxiliou diversas gerações a analisar e construir uma noção sobre os impactos desse conflito. Do ponto de vista da tradição literária a obra também consolidou sua posição mundial de cânone e fez Remarque ser um dos escritores de língua alemã mais lidos do mundo.

Dentro desse contexto, é necessário avaliar os aspectos extraliterários que ajudam a analisar a importância histórica da obra, pois, de acordo com Luiz de Alencar Araripe³, “[...] A Grande Guerra foi a mãe das guerras dos séculos XX e XXI” e, sendo assim, os indivíduos contemporâneos que estão inseridos neste contexto são herdeiros das consequências históricas e dos conflitos posteriores desencadeados após a Primeira Guerra Mundial. Dessa forma, utilizar a obra do historiador militar Max Arthur de forma comparativa pode auxiliar a refletir sobre a carnificina que foi perpetuada naquele tempo e sobre a verossimilhança do romance de Remarque. Isso é possível pois “*Vozes Esquecidas da Primeira Guerra Mundial*”, de Arthur, é uma tentativa de recordar os detalhes desse conflito por meio de depoimentos e entrevistas com cidadãos da época e que foram gravados pelo Arquivo de Som do Museu Imperial de Guerra nos últimos 40 anos.

Diante dessas obras, é preciso destacar que o ensino dos fatos históricos, incluindo guerras, é realizado de forma muito objetiva, se pautando, por exemplo, nas estatísticas que indicam a quantidade de mortos e as principais batalhas que definiram os vencedores e perdedores do conflito. Esse tipo de análise é importante, constrói conhecimento e faz parte da metodologia básica da História, já que, de acordo com Eric Hobsbawm:

[...] O ponto do qual os historiadores devem partir, por mais longe dele que possam chegar, é a distinção fundamental e, para eles, absolutamente central, entre fato comprovável e ficção, entre declarações históricas baseadas em evidências e sujeitas a evidenciação e aquelas que não o são. (HOBSBAWM, 2013, p.8).

Isso elucidado que os fatos sobre a Grande Guerra são oriundos de uma pesquisa que não se pauta em analisar questões subjetivas. Sendo assim, o exercício imaginativo sobre o que

3 Membro Titular do Instituto de História Militar e Geografia do Exército. (MAGNOLI, 2006, p. 319).

sentiram e vivenciaram os homens neste conflito é dever da Literatura. Portanto, a partir de trechos da obra de Erich Remarque, pretendemos demonstrar os impactos da Primeira Guerra Mundial em um sentido mais humano, já que este livro é resultado de uma experiência individual do escritor que sobreviveu a um momento atroz da história mundial.

A princípio é importante destacar o prefácio deste romance:

Este livro não pretende ser um libelo nem uma confissão, e menos ainda uma aventura, pois a morte não é uma aventura para aqueles que se deram face a face com ela. Apenas procura mostrar o que foi uma geração de homens que, mesmo tendo escapado às granadas, foram destruídos pela guerra. (REMARQUE, 2018, p.5).

Mesmo delimitando bem qual é o objetivo de seu livro, é notável a indicação de uma narrativa que busca ser universal, pois quando Remarque expressa que quer mostrar uma geração de homens destruída pela guerra, ele se aproxima de um registro histórico e aponta que sua escrita não será uma ficção de aventura e sim uma narrativa que busca expor a cruel dinâmica de guerra que destruiu milhões de indivíduos.

Após o prefácio, o leitor é inserido na narrativa em primeira pessoa com o personagem do soldado alemão Paul Bäumer, que está a quilômetros de distância da linha de frente e apresenta a si mesmo e seus companheiros de batalha mais próximos. Neste capítulo inicial é possível perceber como a estrutura narrativa é construída por meio do fluxo de consciência do narrador-personagem e o enredo que demonstra, em parte, a primeira de uma série de decepções que o soldado enfrenta quando diante do conflito. As recordações do personagem direcionam o leitor aos fatores que o conduziram ao alistamento militar. Após lembrar o constante incentivo que seu professor de ginástica, Kantoreck, fez para que toda a turma fosse se alistar para o combate, Paul sustenta o seguinte pensamento:

É claro que não se pode responsabilizar Kantorek por tudo isto; que seria do mundo se a isto se chamasse culpa? Houve milhares de Kantoreks, todos convencidos de que procediam da melhor forma e de maneira cômoda para eles. Mas, aos nossos olhos, foi justamente por isso que sua missão fracassou. Os professores deveriam ter sido para nós os intermediários, os guias para o mundo da maturidade, para o mundo do trabalho, do dever, da cultura e do progresso e para o futuro. (REMARQUE, 2018, p.15)

Aqui é necessário recordar aspectos histórico-sociais. De acordo com Martin Kitchen⁴ em seu estudo sobre a história da Alemanha moderna:

Foram apresentados vários argumentos a favor da guerra. Moltke [chefe do Estado-Maior] e o exército afirmavam que a Alemanha ficaria para trás na corrida armamentista e que eles precisavam atacar antes que fosse tarde demais. Os civis argumentavam que em breve os pacifistas social-democratas ficariam tão poderosos que uma guerra seria impossível, acrescentando que uma campanha vitoriosa colocaria os socialistas em seu devido lugar. [...] (KITCHEN, 2013, p.261).

⁴ Professor emérito de História na Simon Fraser University.

Essa noção histórica auxilia a compreender a fala do personagem: “houve milhares de Kantoreks”, já que a guerra foi apoiada por setores sociais diversos. Além disso, a perspectiva extremamente pessimista e desolada que o narrador-personagem fomenta sobre a educação e cultura simboliza como a guerra conduz a um esvaziamento de sentido existencial que corrói aos poucos as noções de civilidade que as instituições formadoras do indivíduo sustentam e esgota a crença de que existe um papel social importante em cada autoridade que exerce influência. Em consonância com essa cena, o professor da Real Academia Militar Britânica, John Keegan aponta em seus estudos sobre a guerra:

Para nós, a cultura parece ser a grande determinante de como os seres humanos se comportam; nos inexoráveis debates acadêmicos entre “natureza e cultura”, é a escola da cultura que obtém mais apoio dos espectadores. Somos animais culturais e é a riqueza de nossa cultura que nos permite aceitar nossa indiscutível potencialidade para a violência, mas também acreditar que sua expressão é uma aberração cultural. (KEEGAN, 2006, p.19)

Este pensamento demonstra que a cultura possui limitações ao tentar impedir a conduta humana rumo à violência, que é o contexto exposto por Paul em seu discurso. Outra perspectiva elucidada no mesmo momento da narrativa é quando Paul, dando prosseguimento à sua linha de raciocínio, expõe:

O primeiro bombardeio nos mostrou nosso erro, e debaixo dele ruiu toda a concepção do mundo que nos tinham ensinado. Enquanto eles continuavam a escrever e a falar, víamos os hospitais e os moribundos; enquanto proclamavam que servir o Estado era o mais importante, já sabíamos que o pavor de morrer é mais forte. Nem por isto nos amotinamos, nem nos tornamos desertores, nem mesmo covardes – todas estas expressões vinham lhes com muita facilidade. Amávamos nossa pátria tanto quanto eles e avançávamos corajosamente em cada ataque; mas, agora, já sabíamos distinguir, aprendemos repentinamente a ver; e, do mundo que haviam arquitetado, víamos que nada sobrevivera. De súbito, ficamos terrivelmente sós – e, sós, tínhamos de nos livrar de toda esta embrulhada. (REMARQUE, 2018, p.15)

O trecho supracitado aponta a noção clara de que a guerra gera um momento de anomalia que não se pode abarcar com as ideias preestabelecidas que o indivíduo assimilou. Tal desequilíbrio acaba por gerar uma solidão devastadora no soldado, pois em meio às batalhas e cenas horrendas que presencia, sua mente capta os fatos de forma bruta e percebe que há sentimentos que sobrepõem uma série de questões sociais impostas forçadamente por meio do discurso de dever para com a nação. Além da consolidação do abismo entre a vida militar e a civil, já que o soldado está exposto a fatores tão traumáticos que só podem ser compreendidos diante a experiência e que nunca serão compreendidos pelos que ficaram fora do combate.

Considerando isso é que pode-se destacar momentos importantes para ambientar o aprofundamento reflexivo que o narrador-personagem vai consolidando ao decorrer da

narrativa. As mortes de outros personagens não só elucidam a lógica desumana da guerra como também são exemplos essenciais para refletir como a obra é verossímil por ter descrições que se aproximam dos depoimentos reais de soldados ingleses em ação no *front* ocidental.

Em análise podemos comparar o trecho que Paul observa um dos membros de sua unidade, Kemmerich, agonizar e afirma:

Este é o adeus mais desconsolado e comovedor que jamais vi, embora o de Tjaden também fosse horrível: ele berrava por sua mãe, um rapaz forte como um touro e que, com os olhos arregalados e angustiados, afastava o médico de sua cama com uma baioneta, até o colapso final. (REMARQUE, 2018, p.28)

E o depoimento real do Marinheiro de Segunda Classe Joe Murray (Batalhão de Hood, Divisão Naval Real):

[...] Horton e eu estávamos mais ou menos juntos. Townsend estava do outro lado, onde havia uma fenda em que Yates estivera. O jovem Horton foi o primeiro a alcançar Yates. Assim que o empurrou para ver o que havia de errado, uma bala o atingiu bem no meio da testa, atravessou sua cabeça e me feriu de raspão no dorso da mão. Pobre Horton, ficou chamando pela mãe. Ainda posso vê-lo e ouvi-lo como se estivesse diante de mim. Ele dizia que tinha 18 anos, mas acho que não tinha nem 16, muito menos 18. Era um jovem tão frágil. [...] (ARTHUR, 2011, p. 156)

Ambos os trechos registram a percepção carregada de sentimentalismo e pena que os soldados, ficcional e real, possuem ao assistir a morte de outro combatente e como eles possuem a consciência de que são vítimas muito jovens. Isto fica claro quando, nos momentos finais, os soldados que agonizam chegam a retomar saudosismos infantis ao gritarem pela mãe, estampando mais um quadro lamentável e doloroso da guerra que fulmina homens sem distinção.

Além disso, há também uma perspectiva presente no romance que simboliza como a guerra se refletia nas ações físicas dos soldados. Quando está no *front*, em meio a um bombardeio, os sentimentos de Paul Bäumer se pautam sempre no medo que o conduz a ações instintivas e primitivas para resguardar sua vida. Esses sentimentos atrozes fazem com que o soldado enxergue tudo a sua volta de forma diferente como no momento em que afirma a importância do solo do campo de batalha:

Para nenhum homem a terra é tão importante quanto para um soldado. Quando ele se comprime contra ela demoradamente, com violência, quando nele enterra profundamente o rosto e os membros, na angústia mortal do fogo, ela é o seu único amigo, seu irmão, sua mãe. Nela ele abafa o seu pavor, e grita no seu silêncio e na sua segurança; ela o acolhe e o libera para mais dez segundos de corrida e de vida, e volta a abrigá-lo: às vezes, para sempre! Terra, terra, terra! [...] (REMARQUE, 2018, p.44)

Percebe-se então como o contexto da guerra altera tudo ao redor, desde o interior do soldado até o chão em que pisa, pois, em meio ao risco iminente de morte, a terra se torna um espaço de valor extraordinário para sua proteção. Essa cena também é vista em depoimentos como o do Tenente Charles Carrington (1/5º. Batalhão, Regimento de Infantaria de Warwickshire):

O barulho das explosões ia ficando cada vez mais intenso até que, a certa altura, seus nervos não aguentavam mais. De um momento para outro, em questão de segundos, você chegava a conclusão de que o próximo que estava vindo era para você. Nós nos atirávamos, portanto, na lama e nos encolhíamos o mais possível no fundo do buraco. Todos os outros em volta faziam o mesmo. (ARTHUR, 2011, p.300)

Mais um aspecto importante presente neste mesmo momento do romance é quando ao escutar o som das granadas o próprio narrador-personagem indica a consciência de sua animalização, que também possui recorrência na história:

É o instinto do animal que desperta em nós, que nos guia e nos protege. Não é consciente; é muito mais rápido, muito mais seguro, muito mais infalível do que a consciência. Não se pode explicar [...] chegamos na zona onde começa a frente de batalha, e já nos tornamos homens-animais. (REMARQUE, 2018, p.45)

Esse trecho também instiga a reflexão sobre a magnitude da barbárie que assolou os países europeus naquele período. O conflito de 1914 “inaugurou a era mais assassina até então registrada na história” (HOBSBAWM, 2013, p.351) sendo que na época “os líderes de todas as grandes potências acreditavam estar agindo racionalmente, na busca de objetivos coerentes e alcançáveis” (HASTINGS, 2014, p.113-14). Neste contexto, é sempre um desafio compreender como os Estados entraram em uma espiral de ações catastróficas rumo a uma guerra que devastaria seus civis e os reduziria a meros animais brutais.

Mais adiante no enredo há a construção de um momento exemplar para descrever como eram as batalhas da Grande Guerra, é o trecho em que Paul está no combate corpo a corpo contra os franceses em campo aberto e descreve a seguinte cena:

Um jovem francês fica para trás e é alcançado pelos nossos. Levanta as mãos: numa delas ainda segura o revólver. Não se sabe se ele quer atirar ou render-se; um golpe de pá abre-lhe o rosto ao meio. Um outro vê a cena e tenta fugir, mas, um pouco adiante, uma baioneta é enterrada em suas costas como um raio. Ele salta no ar e, com os braços abertos, a boca escancarada, gritando, cambaleia, com a baioneta oscilante, cravada em suas costas. Um terceiro joga fora o fuzil, agacha-se, cobrindo os olhos com as mãos [...]. (REMARQUE, 2018, p.85)

A forma hedionda como o francês é morto com o golpe de uma pá causa perplexidade e repulsa não só pela descrição da cena em si, mas pela possibilidade em aberto de se ima-

ginar, diante do número aproximado de 10 milhões⁵ de mortos, quantos indivíduos morreram de forma brutal.

Ademais, essa cena do livro é essencial para se compreender a dinâmica da guerra de forma geral. De acordo com os dois estudos do historiador britânico David Stevenson:

A essência da guerra está na ferida e no sofrimento, na captura, na mutilação e na matança de seres humanos, bem como na destruição de suas propriedades, por mais férteis que sejam nossos eufemismos linguísticos para esconder esse fato. Além disso, a guerra se caracteriza por ser um processo recíproco, uma competição de crueldade, capaz de transformar até os homens mais pacíficos em matadores e também em vítimas. (STEVENSON, 2016, p.18)

A presença dessa essência descrita na interpretação de Stevenson se faz presente em diversos momentos da obra de Remarque. Tais construções não apenas sustentam a verossimilhança do enredo como, mesmo contra a vontade do autor que em seu prefácio enfatiza que sua obra não é uma confissão, o que é uma tentativa de se afastar da caracterização puramente autobiográfica, indicam que a lucidez de escrita é proveniente da experiência pessoal de Remarque na sua atuação como combatente da guerra.

Dentro dessa reflexão é preciso indicar outro momento do personagem principal, quando Paul toma consciência de que está matando outro indivíduo após ele assistir por horas o homem que ele mesmo apunhalou subitamente, ao se proteger em meio à batalha, agonizar e finalmente falecer:

Este é o primeiro homem que matei com minhas próprias mãos e cuja morte, posso constatá-lo sem sombra de dúvida, foi obra minha. Kat, Kropp e Müller também já viram homens a quem mataram: isto acontece a muita gente, principalmente em combate corpo a corpo... Mas cada respiração arquejante corta meu coração. Este ser que agoniza tem o tempo do seu lado, possui um punhal invisível, com que me fere: o tempo e meus pensamentos. Quanto não daria eu para que se salvasse! É duro ficar deitado aqui, sendo obrigado a vê-lo e ouvi-lo. Às três horas da tarde, ele morre (REMARQUE, 2018, p.153)

Neste momento, Paul em meio à formação de seu sentimento de culpa e compaixão consegue descaracterizar o outro como mero inimigo e isto acaba por humanizar ambos, que são apenas vítimas das mesmas circunstâncias perversas que os colocam em situação igual de degradação. Isto, em parte, consolida a importância de se debruçar sobre uma avaliação individual da guerra e conseguir captar em meio a dinâmicas próprias de cada um, uma forma de reflexão coletiva, que pode ser exemplificada com a questão da importância da compaixão delineada por Hannah Arendt como necessária para formar uma sociedade:

Ora, a compaixão é inquestionavelmente um afeto material natural que toca, de forma involuntária, qualquer pessoa normal à vista do sofrimento, por mais es-

⁵ Número de mortos indicado na obra “1914-1918:A história da Primeira Guerra Mundial” de David Stevenson.

tranho que possa ser o sofredor, e portanto poderia ser considerada como base ideal para um sentimento que, ao atingir toda a humanidade, estabeleceria uma sociedade onde os homens realmente poderiam se tornar irmãos. (ARENDDT, 2008, p.22)

Essa perspectiva é uma nuance positiva que há na história de Remarque, pois o fato de Paul se sensibilizar diante da morte do inimigo indica não só uma característica do personagem, mas também uma perspectiva de que o mundo, que está se esfacelando em meio à brutalidade, pode ser reestabelecido por esses mesmos homens que em um momento propício poderão refletir sobre suas ações e ter consciência da situação absurda na qual se encontram.

Quase no fim do livro, o personagem principal está se recuperando de um ferimento em um hospital e se vê diante de diversas vítimas da guerra e afirma:

Não se consegue compreender como, em corpos tão dilacerados, ainda há rostos de seres humanos, em que a evolução da vida prossegue normalmente [...] Como é inútil tudo quanto já foi escrito, feito e pensado, quando não se conseguem evitar estas coisas! Devem ser mentiras e insignificâncias, quando a cultura de milhares de anos não conseguiu impedir que se derramassem esses rios de sangue [...]. (REMARQUE, 2018, p.180)

Neste trecho se consolida uma noção complexa e lúcida, pois em aspectos simbólicos, Paul é resultado de milhares de anos de uma cultura e perpetuação da tradição no ramo das ciências humanas que cultuam o pensamento e a necessidade de que o homem precisa de erudição para se afastar da barbárie. É este mesmo homem que está na guerra matando seus semelhantes, que em maior ou menor escala, também é resultado dessa tradição e de instituições que buscaram organizar a sociedade da forma mais civilizada possível, com normas e princípios que se anulam em uma ação, na qual os próprios indivíduos perpetuam: a guerra.

Outra reflexão primordial que esse trecho propicia é a constatação que a obra de Remarque entra na lógica de cultura e pensamento que buscam civilizar o homem e refrear sua violência. Tal questão se torna mais clara se demonstrada por fatores biográficos, já que o escritor teve que fugir de seu país em meio à ascensão do regime nazista que, além de queimar seu livro por ser considerado subversivo em 1933, arrastou a Europa novamente em direção à outra guerra hedionda.

Dando continuidade à problematização de como a Grande Guerra afetou os indivíduos que nela se envolveram e a pertinência do romance em simbolizar essa questão, quando analisa-se depoimentos dos sobreviventes, encontramos em suas vozes resquícios da história do personagem ficcional de Remarque. Exemplo disso é o depoimento do tenente Ulrich Burke (2º Batalhão, Regimento de Devonshire):

Quando conseguíamos ler os jornais, isso nos deixava furiosos, sobretudo se você tivesse feito um grande ataque com um batalhão inteiro, que podia se estender

por 200 metros de largura, e houvesse penetrado quase 1 quilômetro pelo território inimigo e feito prisioneiros. Mas aí líamos nos jornais: “Nenhum combate no front ocidental.” Não parecia digno de figurar nos jornais o fato de que cinquenta homens tivessem morrido e sua unidade tivesse sofrido o mesmo número de feridos. Para eles, não parecia muito grave, mesmo que a guerra só tivesse começado dois anos atrás. Isso costumava deixar todos muito irritados. “Quase nenhum combate no front ocidental” (ARTHUR, 2011, p. 143)

Ao ler este depoimento é impossível não destacar a precisão que Remarque apresenta ao capturar a revolta que os soldados sentiam em meio à banalidade da vida humana consagrada também pelos meios midiáticos que estavam dispostos a noticiar somente as grandes batalhas e como o autor cria uma síntese com o final trágico de Paul Bäumer, que ao cair morto em um dia que não houve combates, um mês antes da derrocada e rendição da Alemanha, não tem sua morte sequer noticiada no relatório final sobre a situação do front ocidental. Desse modo, o final do personagem consolida toda a tragédia da guerra em apenas um momento específico: “Tombou morto em outubro de 1918, num dia tão tranquilo em toda a linha de frente, que o comunicado limitou-se a uma frase: Nada de novo no front”. (REMARQUE, 2018, p.199).

Por fim, qual o papel da literatura de guerra em fazer o leitor compreender a brutalidade humana, tendo em vista como exemplo máximo o livro “Nada de novo no front”, e porque é preciso discutir e lembrar esses momentos 100 anos depois? Para responder parte dessa questão pode-se recuperar a fala do teórico literário Northrop Frye, que em uma de suas conferências sobre “O que é literatura?” comenta que:

A literatura continua a apresentar as maiores depravações como entretenimento, mas apelando não ao prazer obtido nelas, e sim à alegria de manter-se ao largo delas e poder enxergá-las pelo que são – justamente porque não estão acontecendo de verdade. Quanto maior a nossa exposição a crueldades pela ótica da literatura, menor nossa chance de encontrar nelas um prazer secreto. Como dizia o século XVIII, numa bonita e campanuda frase: a literatura refina-nos a sensibilidade. (FRYE, 2017, p.88)

Então, é possível defender que a capacidade de compreensão sobre o sofrimento humano em meio à guerra precisa ser ampliada por meio da literatura, pois ter acesso, mesmo que de forma simbólica, a este tipo de experiência é um meio plausível de agir para que as ações históricas sejam mais comedidas e racionais e, é claro, para que talvez haja mais solidariedade entre os povos.

Em meio a essas reflexões, percebe-se que o debate de uma guerra que terminou há 100 anos é imprescindível, mesmo que o contexto tenha se alterado. É claro que a forma como o equilíbrio internacional se mantém foi expandida em meio à globalização e outras formas de manter a soberania de povos e nações surgiram e foram fortalecidas por meio de diversos aparatos jurídicos e sociais. No entanto, ainda é possível encontrar diversos povos que continuam sendo inflamados a matarem outros de formas mecânicas e brutais por mo-

tivos que quando são analisados não fazem sentido, seja por uma linha imaginária em um mapa que representa uma fronteira, a afirmação de ideologias, as ofensas entre governos. Todas essas situações não deveriam conduzir a ações catastróficas que acabam por desumanizar os indivíduos e banalizar o valor da vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDR, Hannah. Homens em tempos sombrios. Tradução Denise Bottmann. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. 320 p.
- ARTHUR, Max. Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial. Tradução Marco Antônio de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 400 p.
- FRYE, Northrop. A imaginação educada. Tradução Adriel Teixeira, Bruno Geradine, Cristiano Gomes. 1ª ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.
- HASTINGS, Max. Catástrofe: 1914: A Europa vai à guerra. Tradução Berilo Vargas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 672 p.
- HOBSBAWM, Eric. Sobre História: Ensaaios. Tradução Cid Knipel Moreira. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013. 440 p.
- KEEGAN, John. Uma história da guerra. Tradução Pedro Maia Soares. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. 544 p.
- KITCHEN, Martin. História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias de hoje. Tradução Claudia Gerpe Duarte. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013. 592 p.
- MAGNOLI, Demétrio (org.). História das Guerras. São Paulo: Contexto, 2006.
- REMARQUE, Erich Maria. Nada de Novo no Front. Tradução Helen Rumjanek. Porto Alegre: L&PM, 2018. 208 p.
- STEVENSON, David. 1914 1918: A história da Primeira Guerra Mundial. Tradução Valter Lellis Siqueira. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016. 710 p.